

## **O LINGUAJAR CARIOCA: FATORES DE DIFERENCIAÇÃO**

*Olga Maria Guanabara de Lima (UNIPLI)*

### **CONSIDERAÇÕES INICIAIS**

O linguajar do Rio de Janeiro sempre despertou grande interesse por parte de estudiosos.

Callou e Avelar (2002), ao introduzirem seu artigo sobre o falar carioca, afirmam que “a cidade do Rio de Janeiro costuma ser caracterizada como um espaço de contrastes polarizado, seja no plano geográfico, seja nos planos social e econômico”. No plano geográfico, temos uma cidade com localização determinada por uma estratégia militar de defesa contra tropas francesas e indígenas, entre as montanhas e o mar de um lado e uma extensa baixada de outro. Porém, de acordo com o relatório do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNDU), é no plano sócio-econômico que esse contraste mais se evidencia. Deparamo-nos com dois Rios: um, apresentando um dos maiores índices de desenvolvimento humano do mundo e outro, com um desenvolvimento sócio-econômico comparável ao dos mais pobres países africanos.

Até que ponto essas diferenças implicam num contraste linguístico? Ou melhor, serão elas as causas da diferenciação do linguajar carioca?

### **MOBILIDADE SOCIAL**

Fundada em 1565, limitada pelos Morros do Castelo, de São Bento, de Santo Antônio e da Conceição, caracterizada, alguns anos depois, como cidade portuária, o Rio de Janeiro representou, desde então, importante papel na economia do país, o que fez com que, em 1763, fosse elevado à categoria de capital. Já nessa época,

era alvo da migração de indivíduos vindos de várias regiões do país.

Em 1808, com a chegada da Família Real Portuguesa, ganha a cidade características de corte. Ocupada até então por uma maioria de escravos negros (cerca de 23 mil), tem sua população aumentada com a entrada de cerca de 15 mil portugueses. Acentuam-se as diferenças sócio-econômicas. Expande-se a cidade.

As classes sociais, até então com uma discreta diferenciação e um contato intenso pela proximidade de suas residências, passam a ocupar pontos urbanos diferenciados. “As freguesias da Candelária e São José transformam-se em local preferencial das classes dirigentes, as demais classes passam a ocupar as freguesias de Santa Rita e Santana” (CALLOU & AVELAR, 2002). Com essa polarização geográfico-social, inicia-se uma polarização sociolinguística: de um lado, um falar mais próximo da modalidade portuguesa, com origem no contato dos locais com os imigrantes aqui chegados; do outro, um falar mais popular, originário do contato entre os próprios habitantes locais.

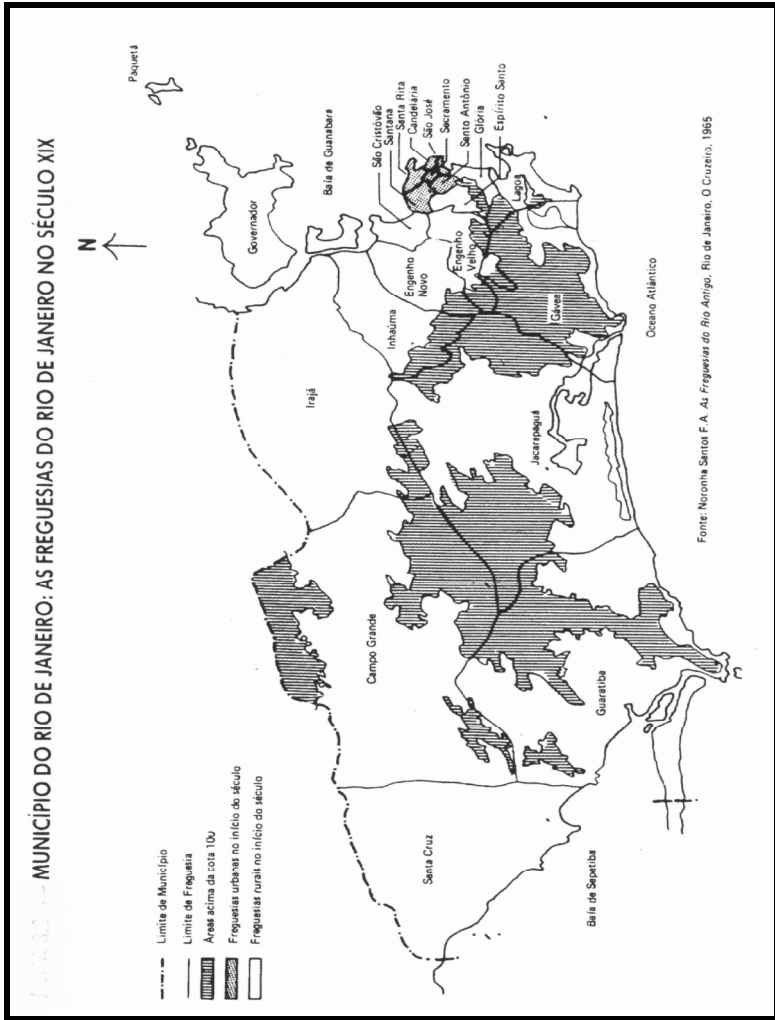
Em 1834, é criada a freguesia da Glória, porta de entrada para a Zona Sul a ser configurada mais tarde. Ao iniciar-se a segunda metade do século XIX, a Lapa, o Catete e a Glória, com o adensamento populacional, já se constituem como uma extensão do espaço urbano. Estabelece-se uma diferenciação sócio-cultural, opondo a Zona Sul às demais regiões da cidade. Na primeira, próxima à orla marítima, concentram-se as classes mais abastadas, com um percentual maior de indivíduos alfabetizados, e na outra, as classes mais populares de região urbana e suburbana.

A partir de 1850, com a intensificação dos trabalhos de aterro do Saco de São Diogo, novas regiões passam a constituir pólos de atração dos setores menos favorecidos, dando mobilidade em direção às freguesias mais rurais isoladas da confluência urbana, expandindo, assim, o falar das classes mais populares. É criada a Cidade Nova (área que atualmente abrange a Cidade Nova, o Estácio, o Catumbi e parte do Rio Comprido) e ocupada uma grande

parte dos terrenos situados no antigo Caminho de Mata Porcos (Estácio). A freguesia do Engenho Velho, ainda sem função residencial urbana, vê iniciado o processo de retalhamento de suas fazendas e sítios. Mas é com a inauguração do primeiro trecho da Estrada de Ferro Dom Pedro II, em 1858, e, dez anos depois, o surgimento da primeira linha de bondes do Rio de Janeiro que as freguesias do Engenho Velho e da Lagoa passam a ser extensões residenciais do centro urbano, e as freguesias que se mantinham exclusivamente rurais passam a se constituir como “núcleos dormitórios” ligados ao Centro. Enquanto estas são o pólo de atração das classes menos favorecidas, aquelas recebem indivíduos dos setores mais favorecidos, com um melhor nível de escolaridade.

Ao final da monarquia, a cidade do Rio de Janeiro dividia-se em diversas freguesias ou paróquias, que vieram, mais tarde, a constituir os territórios de jurisdição administrativa. Havia 21 freguesias: Candelária, São José, Sacramento, Santa Rita, Santana, Santo Antônio, Glória, Lagoa, Gávea, Espírito Santo, São Cristóvão, Engenho Velho, Engenho Novo, Inhaúma, Irajá, Jacarepaguá, Guaratiba, Campo Grande, Santa Cruz, Governador, e Paquetá.

Esse processo de mobilidade sócio-espacial acarretou a expansão da cidade e uma diferenciação sócio-cultural, fazendo com que o português carioca, ao final do século XIX, fosse marcado por quatro grandes resultantes (CALLOU & AVELAR, 2002): um falar de maior prestígio, mais próximo do que podemos chamar de norma, marcando as classes mais altas ocupantes da Zona Sul; um falar de caráter mais popular, característico das classes menos favorecidas que permaneciam nas freguesias centrais de Santa Rita, Espírito Santo e Santo Antônio; um falar rural, nas freguesias mais afastadas do centro, como Guaratiba, Jacarepaguá e Campo Grande; e um falar oriundo da confluência entre habitantes das regiões rurais e centrais, nas freguesias de Inhaúma e Engenho Novo.



Sem dúvida, a disposição espacial dos habitantes do Rio de Janeiro refletiu uma configuração sociolinguística diversificada. No entanto, segundo Callou e Avelar (2002), para atingirmos o perfil histórico sociolinguístico que caracteriza a nossa cidade, não podemos levar em conta apenas o processo de mobilidade social. Há que se considerar outros fatores que influenciaram e continuam

a influenciar a diferenciação lingüística.

## A MIGRAÇÃO PORTUGUESA

A primeira leva de imigrantes portugueses, cerca de 15 mil, vindos com D.João VI, era constituída em grande parte por indivíduos do setor administrativo, ao lado de fidalgos, padres, advogados, “praticantes” de medicina (ALENCASTRO, 1997).

A chegada desses imigrantes provocou uma mudança nas freguesias centrais, já que a eles interessavam locais que facilitassem o exercício dos cargos administrativos e o acesso a serviços e bens diversos. Temos, assim, a primeira diferenciação entre o urbano – zona das classes mais abastadas, apresentando um percentual maior de indivíduos escolarizados – , com uma configuração lingüística marcada pelo contato entre os locais e novos moradores, e o rural – área das classes menos favorecidas, com um maior índice de analfabetos – com ausência desse contato.

Nas freguesias urbanas, verifica-se uma diferenciação social. Candelária e São José são as preferidas das classes dirigentes. Nas demais – Sacramento, Santa Rita e Santana – concentram-se as classes de baixa renda, com reduzido poder de mobilidade.

O desenvolvimento da cidade, com a vinda da Corte Portuguesa, provocou um crescimento da população escrava, que chegou a ultrapassar, em algumas freguesias urbanas, o número de indivíduos livres.

O Rio de Janeiro que, segundo Alencastro (1997), de 1821 a 1849 tinha “características de uma cidade quase negra (...) de uma cidade meio africana” vê mudada essa situação em decorrência da imigração portuguesa.

Durante a fase de imigração de *transição* (1701-1850), em que houve uma maior evidência de membros da elite, 80 a 90% dos portugueses eram alfabetizados (VENÂNCIO, 2000). A partir de 1851, com a imigração de *massa* (1851-1960), quando passam

a imigrar homens, mulheres e crianças de diferentes níveis e classes, o quadro se altera.

Essa imigração portuguesa, contínua ao longo de todo o período imperial, apresenta-se “como um fato polêmico para a interpretação sócio-histórica do falar carioca” (CALLOU e AVELAR, 2002). Segundo esses autores,

Não há indícios suficientes para argumentar em favor de que essa imigração tenha sido a base para a composição de características que teriam permitido diferenciar o falar carioca de outros falares brasileiros.

Idéia defendida, entre outros, por Alencastro (1997), que afirma:

Na corte, a presença mais densa de portugueses – donos da língua –, e a presença igualmente densa de africanos e de seus descendentes – deformadores da língua oficial –, levou a população alfabetizada a moldar sua fala àquela do primeiro grupo.

No entanto, não podemos desconhecer a lição de Saussure que diz ser a língua, parte social da linguagem, resultante do contato estabelecido entre os membros de uma comunidade. Logo, o contato entre portugueses e locais deve ter gerado influências mútuas.

## DOIS TRAÇOS FONOLÓGICOS DO RIO DE JANEIRO

Dois traços fonológicos são levados em conta quando se procuram marcas lingüísticas deixadas pelos portugueses na fala carioca: o “chiamento” do S e a realização do R que, segundo Alencastro (1997), modificou-se a partir da imigração portuguesa

... o r bem rolado do falarrri carioca só se acentuou na segunda metade do século XIX, quando desembarcou no Rio de Janeiro a imigração portuguesa.

### A distribuição do R,

consoante que apresenta várias possibilidades de pronúncia, desde uma realização considerada padrão, mais conservadora, de vibrante anterior, o chamado *r* “rolado”, mais freqüente nos falares gaúcho e

paulista, até uma aspiração ou ausência do segmento, em final de infinitivo, como em *tomá( r)*, *fazê(r)* realizações mais inovadoras” (CALLOU & LEITE, 2002),

exemplifica bem a diferenciação por área geográfica de residência.

No Rio de Janeiro, quanto à fala culta, percebe-se, diante da análise de gráficos constantes da tese de Callou (1987), que a Zona Suburbana, com resquícios de características rurais, revela-se mais inovadora e estável, apresentando uma frequência maior de aspiradas, talvez por ser menos sensível às áreas de prestígio. Na Zona Sul, área urbana, onde há uma interação sócio-cultural mais acentuada, constata-se uma instabilidade, com realizações mais conservadoras, que são as de maior prestígio, e mais inovadoras na faixa etária mais jovem e do sexo feminino. A Zona Norte, área de ocupação mais antiga e tradicional da cidade, com posição geográfica intermediária entre as duas outras áreas, apresenta formas mais conservadoras, ora se aproximando da Zona Sul, ora da Zona Suburbana.

No que tange ao “chiamento” do S, característico do linguajar carioca, atribuído por alguns à influência da migração portuguesa, Callou e Marques (1975) fazem um levantamento minucioso dessa realidade lingüística. Levando em conta diferenças diastráticas e diatópicas, investigam seis áreas: Centro, Zona Norte, Zona Sul, Madureira, Jacarepaguá e Campo Grande. Tomam como informantes homens e mulheres, na faixa etária de 20 a 45 anos, cariocas, filhos de pais cariocas, distribuídos por três níveis de escolaridade: primário, médio e superior.

A partir dos dados recolhidos, concluem que, tanto em posição medial como em final de palavra, o tratamento geral do – s implusivo no Rio de Janeiro é a palatalização, mais frequente no fechamento de sílaba (85, 4%), embora ocorram outras realizações, tais como: alveolar (8, 6%), palatal + alveolar ou alveolar + palatal (5, 4%), fricativa laríngea (aspiração) (0, 4%), aspiração + palatal (0, 2) e o zero fonético (3, 2%).

Dos pontos-de-vista diastrático e diatópico, constataram que

Madureira e Zona Sul, áreas de mais acentuada interação sócio-cultural, apresentam maior grau de oscilação do – s pós-vocálico, em especial entre mulheres de nível médio de instrução.

Na Zona Sul, encontraram 70% de S “chiado” versus 30% de S “não-chiado”, enquanto que no Centro, o índice de “chiado” chegou a 96%. Não podemos esquecer que essa última foi a área inicial da residência portuguesa.

Esta constatação leva as autoras a afirmarem

A necessidade de se estudar a influência da fala de indivíduos procedentes de outras regiões do país sobre a linguagem carioca e a importância que uma tendência para imitar a palatalização do falar do Rio de Janeiro possa ter.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A breve análise que acabamos de fazer, abrangendo a estrutura sócio-espacial, a mobilidade social, as condições sócio-econômicas e culturais, e a imigração portuguesa, ajuda a compreender os fatores de diferenciação do linguajar carioca.

A fala do Rio de Janeiro é, pois, um conjunto de variedades regionais, resultante de uma interação lingüística, um instrumento de comunicação social maleável e diversificado em todos os seus aspectos, utilizado por indivíduos de origens diversas, numa sociedade diversificada social, cultural e geograficamente.

## REFERÊNCIAS

ALENCASTRO, L. F. (org.). *História da vida privada no Brasil*. V. 2. São Paulo: Companhia das Letras, 1977.

CALLOU, D. Da história social à história lingüística: o Rio de Janeiro no século XIX. In: ALKMIN, Tânia Maria (org.). *Para a história do português brasileiro*. V.III. São Paulo: Humanitas/FFLCH/ USP, 1999.

———. *Variação e distribuição da vibrante na fala urbana culta*



*do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: PROED/UFRJ, 1987.

CALLOU, D. & AVELAR, J. Subsídios para uma história do falar carioca: mobilidade social no Rio de Janeiro do século XIX. **In:** *Para a história do português brasileiro – Notícias de corpora e outros estudos – V. IV*. Organização: Maria Eugênia L. Duarte e Dinah Callou. Faculdade de Letras da UFRJ/FAPERJ, Rio de Janeiro, 2002.

CALLOU, D. & LEITE, Y. *Como falam os brasileiros*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

CALLOU, D. & MARQUES, M.H. O – s implosivo na linguagem do Rio de Janeiro. **In:** *Littera: revista para professor de português e de literaturas de língua portuguesa*. Ano V – nº 14. Rio de Janeiro: Grifo Edições, 1975.

VENÂNCIO, R. P. Presença portuguesa de colonizadores a imigrantes. **In:** *Brasil 500 anos de povoamento*. Rio de Janeiro: IBGE, 2000.